

---

**ANA DE CASTRO OSÓRIO NO BRASIL:  
IMPRESA PERIÓDICA, SOCIABILIDADE,  
POLÍTICA E MERCADO EDITORIAL**

Ana de Castro Osório in Brazil: Periodical press,  
sociability, politics and editorial market

Eduardo da Cruz<sup>1</sup>

**RESUMO:** A escritora feminista e republicana Ana de Castro Osório (1872-1935) estabeleceu diversas relações com o Brasil, tanto pessoais quanto editoriais. Neste artigo, avaliamos, a partir de sua correspondência e de sua colaboração no *Portugal Moderno*, periódico da colônia portuguesa no Rio de Janeiro, algumas estratégias e movimentos realizados por ela para melhor difundir suas obras e suas ideias junto ao público brasileiro durante o período em que residiu em São Paulo, entre 1911 e 1914.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ana de Castro Osório; Imprensa periódica; Correspondência; Mercado editorial; Relações luso-brasileiras

**ABSTRACT:** The feminist and republican writer Ana de Castro Osório (1872-1935) established diverse relations with Brazil, both personal and editorial. In this article, we evaluated, from her correspondence and her collaboration in *Portugal Moderno*, periodical of the Portuguese colony in Rio de Janeiro, some strategies and movements made by her to better spread her works and her ideas to the Brazilian public during the period she lived in São Paulo, between 1911 and 1914.

**KEYWORDS:** Ana de Castro Osório; Periodical press; Correspondence; Editorial market; Portuguese-Brazilian relations

Em 1911, Ana de Castro Osório, reconhecida escritora republicana e feminista, vem viver no Brasil acompanhando o marido, Paulino de Oliveira, que havia sido indicado cônsul de Portugal em São Paulo. Aqui, ela amplia a rede de contatos já estabelecida e se propõe a disseminar suas obras e suas ideias em diversas frentes. Angela Gomes, inclusive, que já apontou algumas ações de Ana para ampliar sua participação como autora e editora de livros infantis por aqui, conclui:

---

<sup>1</sup> Professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, membro do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura e investigador colaborador do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Pesquisa desenvolvida com bolsa do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional.

Por conseguinte, quando ela viajou para o Brasil, não era uma desconhecida como autora de livros infantis. Com competência, aprofundou seus vínculos com uma rede de políticos e intelectuais estratégicos, aproveitando os contatos prévios, estabelecidos por Paulino. (GOMES, 2016, p. 102)

Assim, apesar de já existirem alguns estudos que apontam as relações de sociabilidade entre Ana de Castro Osório e outras escritoras, educadoras e feministas brasileiras percebidas pela troca de correspondência e mesmo referências publicadas (CORDEIRO, 2014; GOMES, 2013; LOUSADA, 2015; LOUSADA; LAGUARDIA, 2013; PEREIRA, 2015), propomo-nos aqui a discutir seus movimentos como escritora estrangeira em busca do mercado nacional, durante sua estada no Brasil. Ao analisarmos em conjunto dois grupos de fontes primárias que nas últimas décadas têm sido utilizadas por historiadores e pesquisadores da área de Letras na valorização de uma história cultural, como correspondência e periódicos, podemos reconstituir parte da rede de sociabilidade que ela estabeleceu e como a autora de *Ambições* (1903) a articulava para divulgar seus livros e suas ideias em alguns estados brasileiros. Aproveitamos, para isso, além do *Portugal Moderno*, jornal da colônia imigrante no Rio de Janeiro fundado em 1899, à guarda da Fundação Biblioteca Nacional, a coleção da família Castro Osório existente no setor de reservados da Biblioteca Nacional de Portugal. As duas entidades juntas permitem aprofundar os estudos sobre as relações luso-brasileiras. Apenas assim foi possível descortinar seus movimentos revelando algumas ligações estabelecidas por Ana no Brasil e alguns reflexos imediatos de sua articulação através de notícias e artigos na imprensa periódica.

Resumidamente, podemos lembrar que Ana de Castro Osório foi editora, principalmente de livros infanto-juvenis, literatura que ela abraçou também como autora, tradutora e pela recolha de contos tradicionais, além de ter escrito algumas narrativas curtas e romances. Também foi editora e redatora de alguns periódicos e colaborou com diversos jornais e revistas. Politicamente, Ana foi defensora incansável dos direitos das mulheres, “a feminista mais emblemática das duas primeiras décadas” (ESTEVEZ, 2014, p. 45). Ela lutava pelo voto, pelo divórcio, pela possibilidade de trabalhar, receber salário e administrar seus bens sem depender de autorização do marido, e pela igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres no código civil. Para isso, atuou publicamente em prol da república, único sistema de governo que ela acreditava ser capaz de promover essas mudanças, tendo sido a principal articuladora e primeira presidenta da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, fundada em 1908.

Ana de Castro Osório também está vinculada ao Brasil de diversas formas. Alguns de seus livros infanto-juvenis foram aprovados para uso nas escolas e para prêmios nos estados de Minas Gerais e São Paulo, como *Uma lição de História* (1909), *As boas crianças*, nona série da coleção “Para crianças”, *Os nossos amigos* (1910?) — em coautoria com o marido —, *Lendo e aprendendo* (1913) — publicado em São Paulo, pela Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira —, e *O livrinho encantador* (1923). Isso demonstra um trabalho árduo de estabelecimento de relações socioculturais no Brasil, antes, durante e depois desse período de residência no país.

Para as crianças, além da série em vários volumes saídos por sua própria editora e que ela busca comercializar também no Brasil (GOMES 2016), ela publica, em 1924, *Viagens aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil*, buscando uma aproximação maior com o público e com o mercado brasileiros. No mesmo ano, lança *A grande aliança*, com o subtítulo “a minha propaganda no Brasil”, reunindo as ideias que ela propagara em uma série de conferências realizadas entre 1922 e 1923 no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Pelotas e Santa Maria. Em 1927, sai o romance *Mundo Novo*, sobre uma escritora feminista portuguesa que busca nova vida aqui.

Percebe-se que seu objetivo de alcançar o mercado brasileiro era antigo. Elísio Fonseca, a quem ela havia recomendado vulgarizar sua coleção “Para as Crianças”, escreve do Rio de Janeiro para Ana de Castro Osório em 14 de novembro de 1898 contando que acabou por trazer poucos exemplares e com quantidades diferentes de cada número, o que dificultava a obtenção de assinaturas e a distribuição pela imprensa. Contudo, ele diz estar angariando apoios para a divulgação: “Quanto à vulgarização da obra, além do meu esforço, conto com o Arthur Azevedo, Olavo Bilac, Beaupaire-Rohan e outros distintos escriptores cá da terra”.<sup>2</sup>

No início do século XX, Simões Ferreira escreve a Ana de Castro Osório para comentar a venda dos livros dela para os públicos infantil e adulto no Brasil feita por alguém que ele nomeia apenas por Jacinto, que adquirira o estoque que estava com Elísio Fonseca. Esses correspondentes não pareciam animados com a situação do mercado local para os livros portugueses. Segundo Simões, para vender a coleção “Para as crianças” era preciso fazer propaganda, mas o desconto obtido junto à editora portuguesa não era suficiente para que se anunciasse e ainda obtivesse lucro, pois os livros já haviam sido vendidos mais baratos e o público também não

---

<sup>2</sup> PT/BNP/Coleção Castro Osório/N12 Cx3 ms191. Nesta e em notas semelhantes deste artigo, figuram dados suficientes para a localização dos documentos no acervo de reservados da Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa).

concordava com preços mais elevados para esse tipo de produto. O caso dos contos e do romance era diferente, pois seriam vendidos pela primeira vez no Brasil, conforme ele explica em carta de 21 de junho de 1903:

Sobre os *Infelizes* e *Ambições*, não reclama, porque, apesar de terem vindo apenas com 30% de abatimento, acha que pode vendel-os pelo preço que quizer, visto que nunca anteriormente lhes estipulou preço. Acho que o homem tem sua razão, pois que, effectivamente não pode vender o *Para as crianças* a mais de 1000 reis. Elle falou-me em que queria pedir aos editores 60% de desconto, mas eu fiz com que apenas peça 55%, pois que, desta forma, o ganho d'elle approximar-se-ha já do que lhe dava o Elysio Fonseca. Digo approximar-se-ha, mas que, embora os livros, pelo cambio de hoje lhe fiquem assim, a 670 reis, parecendo ganhar 330 reis, e o Elysio lhe desse de lucro só 300 reis, queira ver que o Elysio lhe punha os livros em casa e o Jancinho teve de pagar direitos alfandegarios e o transporte.<sup>3</sup>

Simões Ferreira escreve novamente para Ana em 3 de março de 1904, do Funchal, para onde se tinha deslocado após uma temporada em Minas Gerais, por isso só recebera a carta da amiga portuguesa, enviada em novembro do ano anterior, em seus últimos dias de estada no Rio de Janeiro. Sugere-lhe, com dados sobre o mercado editorial e alguns casos por ele conhecidos, que o público brasileiro não receberia bem as obras literárias portuguesas:

Não sou de opinião que faça para o Brazil uma edição especial do *Ambições*. A venda de romances é lá muito problematica e, mesmo que mandasse um bom agente — o melhor meio de fazer boa venda — arriscava-se a que as despesas cobrissem muito a receita. Um agente nunca lhe faria de despesas, por mez, menos de 500\$000 reis fracos. Os agentes são bons para as emprezas editoras, que tem muitos livros e de diversos auctores. Se não vendem um livro, podem vender outro, que mais agrade ao “freguez”, e sempre fazem negocio. Ainda assim, são rarissimas as casas editoras que hoje se aventuram a mandar agentes ao Brazil.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> PT/BNP/Coleção Castro Osório/N12 Cx1 ms17(2).

<sup>4</sup> PT/BNP/Coleção Castro Osório/N12 Cx1 ms17(3).

Ferreira apresenta também sua própria opinião sobre literatura infantil. Apesar de destoar um pouco da proposta de Ana de Castro Osório, a de que “também o ‘maravilhoso’, além do tradicional, possuía valor pedagógico” (GOMES, 2016, p. 100), ele acreditava que o livro de autoria de Ana, *Os animais*, seguiria uma vertente mais educativa e artística:

Alguma cousa de util, porem, deve-o ser esse seu livrinho — *Os animaes*. Francamente, eu não creio muito na utilidade dos “contos phantasticos” e, ás vezes, a mim proprio pergunto se não radicarão muitas ideias falsas nos espiritos crentes e ingenuos das creanças. Não creio tambem na efficacia dos livros de conselhos, porque entendo que uma creança só admite 2 conselheiros — seus paes. Mas num livro que lhes ensine as cousas do mundo, com a necessaria habilidade, ou, digamos, com a necessaria arte — na utilidade d’esse livro eu acredito sinceramente. Ora eu supponho que *Os animaes* sejam isso. Rogo-lhe que m’o mande para aqui, pois tenho vontade de o ler, e jamais tive melhor occasião de o ler com vagar.<sup>5</sup>

Por isso, quando Ana chegou ao Brasil, procurou ampliar suas relações e tratou ela própria de divulgar sua obra. Então, encaminhou seu livro, *Infelizes*, a Júlia Lopes de Almeida com carta de apresentação, de modo a se fazer conhecer também como autora não apenas de literatura infantil, conforme assume em artigo dedicado à escritora brasileira no *Portugal Moderno* motivado por as duas terem se conhecido pessoalmente:

Muito conhecida e estimada no meu país pela *élite* intelectual, D. Julia Lopes foi dos primeiros nomes que tracei na relação das ofertas que desejava fazer. E a acompanhar, em livrinho simples, falando dos *humildes*, que só não teve este titulo por ter aparecido outro assim chamado, escrevi uma carta a D. Julia apresentando-o e apresentando-me, seguindo desde então a norma, ainda não posta de parte, de preferir sempre apresentar-me pessoalmente do que pedir aos outros para dizerem por delicadeza, o que talvez não sintam muitas vezes. [...] D. Julia, sempre carinhosa e amavel, respondeu na volta do correio e as nossas relações ficaram assim firmadas para o resto da existencia, não sendo pouco, no grande desejo que tinha de visitar o Brasil, o querer conhecê-la de perto rodeada da familia e das coisas que formam o meio ambiente em que o seu

---

<sup>5</sup> PT/BNP/Coleção Castro Osório/N12 Cx1 ms17(3).

luminoso espirito se compraz e trabalha. (OSÓRIO, 19 out. 1912, p.2)

A partir do encontro e da publicação desse artigo, uma relação de amizade se estabeleceu entre Ana e Júlia. Esta escreveu em 22 de outubro agradecendo as palavras da amiga no jornal. Na missiva, a brasileira se desculpa pela demora em corresponder-se por estar aguardando um retrato, do qual acabou por não gostar, e confessando temer a estação Central do Brasil, que a poderia levar a São Paulo:

O meu desejo quando li o seu adoravel e consolador artigo no *Portugal Moderno* foi correr á Central, apesar do medo que ela me inspira e ir ao seu querido ninho apertal-a de encontro ao coração. Dirá a minha boa D. Ana – não podendo vir a S. Paulo porque não me telegrafou ao menos ou não me escreveu logo uma carta de agradecimentos e cortezia?! Direi: não podendo ir pessoalmente quiz que fosse por mim o meu retrato dizer-lhe na sua mudes *mais do que a carta diz*. O bandido do fotografo, tirador de uma prova, que mandou para a *Ilustração* reteve ahi logo de manhã os retratos em casa por doença de um ajudante. Ele ahi vae hoje com os votos de muita alegria e muita felicidade. Dizem uns que pareço nele mais velha do que sou, [...] parece-me com tudo que o operador do *atelier* penteou-me os cabelos com uma claridade quasi opressiva...<sup>6</sup>

Intelectualmente, as duas já se conheciam. Prova disso é que Júlia Lopes de Almeida já havia publicado n’*O Paiz*, em 1907, um esboço biobibliográfico da escritora portuguesa elogiando suas produções para as crianças:

[...] a arte de escrever para crianças exige prodigios da imaginação mais maleavel e vagabunda e a maior attenção na urdidura dos acontecimentos. Ora, é exactamente essa uma das qualidades que admiro na bibliotheca infantil da Incansavel escritora portugueza D. Anna de Castro Osorio, nome que a nova geração da sua patria deve ter na mais alta consideração. (*O Paiz*, 24 jun. 1907, p. 1)

---

<sup>6</sup> PT/BNP/Coleção Castro Osório/N12 Cx2 ms160(1).

O contato pessoal no Brasil possibilitou estreitamento dos laços. Na década de 1930, Júlia respondia de Paris uma carta de Ana, na qual relata que não se sente à vontade para enviar livros para divulgá-los, mas, como a amiga o elogiou, fará como recomendado e enviará um exemplar à escritora Maria Pereira de Eça:<sup>7</sup>

Trouxe-me a sua linda carta uma doce alegria ao meu coração de amiga e no meu sentimento de escritora. Obrigada por tudo. Pergunta-me se eu já comecei a fazer a propaganda do meu livro? A verdade é que sou muito desajeitada para isso, tanto no Brasil como em Portugal fico acanhada de oferecer um dos meus trabalhos desde que possa parecer haver nessa oferta um sentido de interesse particular alheio ao da manifestação da minha simpathia intelectual ou amizade pessoal. É uma timidez ridícula, mas é a verdade. Em todo o caso, á vista do bom acolhimento que a minha amiga dispensou ao meu romancesinho vou envia-lo á escritora Maria Pereira de Eça, cujo endereço m[ui]to lhe agradeço. P[ar]a Lisboa só escrevi por enquanto á minha amiga Maria H. Teixeira e a Manoel de Souza Pinto tambem meu amigo e prof[esso]r da cadeira de estudos brasileiros.<sup>8</sup>

As relações estabelecidas entre Ana de Castro Osório e Júlia Lopes de Almeida são exemplo do tipo de ação empreendido pela escritora portuguesa no Brasil na divulgação de seus livros. Ao comentar obras alheias na imprensa dos dois lados do Atlântico ou servindo de intermediária, em Portugal, para a divulgação de obras brasileiras, ela estabelece alianças que a favorecem enquanto intelectual e no seu reconhecimento como autora.

Além disso, Ana se esforçava em difundir suas produções para crianças no Brasil. Então, entrou em contato com Julião Machado, português nascido em Angola que trabalhava como caricaturista e desenhista na imprensa brasileira. Ela esperava que ele a ajudasse na divulgação de sua coleção “Para as crianças” n’*O Paiz*, o que não foi possível, como Julião justifica em sua carta. Contudo, o desenhista estava justamente atuando junto ao periódico voltado para o público infantil, *O Juquinha*, e resolveu divulgar

---

<sup>7</sup> Conhecida como Maria O’Neill, de nome completo: Maria da Conceição Infante de Lacerda Pereira de Eça Custance O’Neill.

<sup>8</sup> PT/BNP/Coleção Castro Osório/N12 Cx2 ms160(2).

a série de Ana de Castro Osório nessa revista, como explica em 17 de dezembro<sup>9</sup>, além de propor outra parceria:

Por motivo que seria longo explicar e que não conviriam a uma carta não me foi possível referir-me no *Pais* aos excelentes livros de V. Ex.<sup>a</sup>. Esperei porem o ensejo de o fazer em lugar util e felizmente tive esse ensejo hontem, quando desenhei a pagina central do *Juquinha* que deve ser publicado no Natal.

Como penso que V. Ex.<sup>a</sup> já sabe, o *Juquinha* é o semanario para crianças que embora no seu terceiro numero que sae hoje, tem tido um exito *extraordinario*. O ultimo numero (de hoje) teve 20.000 exemplares de tiragem e o do Natal terá uma tiragem superior. A divulgação pelo *Juquinha* pareceu-me pois maior e mais adequada ao “pre-inicio” (como aqui se diz *por lo fino*) dos livros de V. Ex.<sup>a</sup> para crianças, porque para elas é *o Jornal*. No *Juquinha* ser-me-ha facil e terei sempre, muitissimo prazer em me referir á sua deliciosa bibliotheca infantil, porque sou um pouco proprietario d’este semario e portanto uso da liberdade que me confere essa vantagem. No *Pais*, no momento actual, pelo menos, eu correria o risco de ser desagradavel a um grupo de camaradas que achariam um absurdo meu uma referencia, util, a quem fosse... portugues. Digo isto na maior reserva a V. Ex.<sup>a</sup> apenas com o intuito de lhe indicar o *pivot* sobre o qual gyraram todas as minhas hesitações. Se V. Ex.<sup>a</sup> julgar util dar à publicidade algum capitulo do seu novo livro de contos eu terei o maior prazer em o publicar com illustrações.<sup>10</sup>

A coleção de Ana de Castro Osório foi desenhada como um dos presentes indicados para as crianças ganharem de Natal naquele ano, como se vê na página central desenhada por Julião Machado:

---

<sup>9</sup> Apesar de a carta indicar apenas dia e mês, sabemos ser de 1912 por ser este o ano em que *O Juquinha* começa a ser publicado.

<sup>10</sup> PT/BNP/Coleção Castro Osório/N12 Cx3 ms194(1).



Fig. 1 - *O Juquinha* n. 4 — foto nossa.<sup>11</sup>

É provável que Ana de Castro Osório, residindo em São Paulo, não conhecesse o jornal publicado no Rio de Janeiro, ainda em sua terceira edição. Os números de tiragem apresentados por Julião Machado devem ter entusiasmado a editora portuguesa. Ela enviou então uma cópia de seu próprio *Jornal dos Pequeninos*, publicado em Setúbal em 1908, além de um pedido para publicar no *Juquinha* seus contos. Há uma aparente concordância de Julião em acolher as produções de Ana de Castro Osório, em carta datada de 27 de dezembro:

Recebi a sua carta que muito agradeço. Preso a casa por uma doença encommoda que me veio ha uns sete dias (que passei quasi inteiramente de cama) e ainda impossibilitado de sahir, tomei a liberdade de enviar a primeira parte da sua carta (conservo a segunda folha que considero assumpto reservado) ao Sr. Renato de Castro fundador e principal proprietario do *Juquinha*. Depois, conversamos pelo telephone e posso affirmar a V. Ex.<sup>a</sup> que todas as suas propostas foram acceitas

<sup>11</sup> No canto inferior esquerdo, a “Bibliotheca infantil / Anna de Castro Osorio” como sugestão de presente.

com o maior interesse. Resta, naturalmente, organizar definitivamente o que V. Ex.<sup>a</sup> deseja e para isso aguardamos a sua vinda.<sup>12</sup>

No entanto, fica clara na missiva a diferença de propostas de uma imprensa para crianças no Brasil e em Portugal, o que praticamente inviabilizou a participação da autora de *Os animais* na revista infantil brasileira:

Recebi o Jornalsinho para as crianças. Não o conhecia. Infelizmente (creio eu) um jornal como esse aspecto e o mesmo programa não satisfaria a pequenada leitora do *Juquinha* que prefere a fantasia dos *contos da carochinha* e que não recusaria, coisas mais educativas se lhes fossem ministradas com um ar menos... grave. Concordo em que um jornal para crianças deve procurar ministrar-lhes conhecimentos uteis. Mas lembro-me também de que elas preferem o interesse das narrações fantasistas, que as divirtam principalmente, porque o jornal em taes condições é mais um passa-tempo e só n'esse character o acceitarão e porque para a aquisição das “noções materiaes” deixe-me dizer assim — têm as professoras e as horas de estudo. Para que o *Juquinha* pudesse entrar no terreno “pedagogico” seria preciso que o fizesse com... meias de lã, isto é, com muitissima subtileza a fim de não fazer cabecear os seus leitores, de sonno, o que seria summamente desagradavel não só aos creditos como aos interesses do *Juquinha*...<sup>13</sup>

Outros contatos, no entanto, foram mais profícuos. É o caso das relações estabelecidas por Ana de Castro Osório e Paulino de Oliveira junto a um grupo de mineiros envolvidos com questões educacionais. Além da aprovação de livros de Ana para uso nas escolas e premiações no estado de Minas Gerais, estabeleceu-se a melhor forma como ela deveria se apresentar no II Congresso Pedagógico Brasileiro, que ocorreria em Belo Horizonte. O comendador Avelino Fernandes, português residente naquela cidade, procurou diligenciar a melhor forma como seus patrícios deveriam ser convidados e como deveriam proceder no congresso. As informações foram enviadas a Ana em carta de 26 de maio de 1912, indicando, inclusive, que assuntos seriam interessantes para que ela tratasse em suas conferências:

---

<sup>12</sup> PT/BNP/Coleção Castro Osório/N12 Cx3 ms194(2).

<sup>13</sup> PT/BNP/Coleção Castro Osório/N12 Cx3 ms194(2).

Respondendo a carta de V. Ex.<sup>cia</sup> de 21 do corrente, cumpre-me informar-lhe o seguinte. A openião do Pessanha e minha, é que V. Ex.<sup>cia</sup> venha ao Congresso em companhia do amigo Paulino, porem, seus trabalhos devem ser feitos por meio de Conferencias cujos assumptos interessem o governo e os professores publicos do Estado. Já aderirão ao Congresso grande numero de pessôas extranhas ao Estado, com as quais V. Ex.<sup>cia</sup> travará relações, novos illementos para futuros negocios. Mandeí a V. Ex.<sup>cia</sup> o ultimo regulamento, para colher alguns dados referentes ao insino Mineiro. O actual secretario do Interior é um apaixonado pelas caixas economicas escolares, é um homem *doente*, que v. Ex.<sup>cia</sup> prevenida sôb esse assumpto o deverá apaixonar (na Conferencia). O assumpto de agricultura, criações pastories [...], serão de grande actualidade. O Instituto João Pinheiro tambem o qualifico de 1.<sup>a</sup> ordem (mando a respeito um retalho de jornal). Fallei ao Pessanha, que V. Ex.<sup>cia</sup> viria prestigiar muito o futuro Congresso, por isso, o Convite deveria ser todo especial radiando da Directoria, no que elle concordou e ficou de encaminhar. Não ha duvida que a honra é reciproca — sendo como são estrangeiros do pais, ha na realidade grande destaque no convite para V. Ex.<sup>cia</sup> é minha openião.<sup>14</sup>

A viagem a Minas Gerais e a participação de Ana de Castro Osório no congresso pedagógico foram amplamente divulgadas no *Portugal Moderno*, que a destacou como intelectual portuguesa ovacionada em Belo Horizonte. O tema de sua conferência, infelizmente não publicada no jornal, defendeu o incentivo do uso de literatura infantil na educação. Ou seja, ela aproveitou o evento para justificar a aceitação de seus livros nas escolas: “Mais uma vez, D. Anna de Castro Osorio, poz em relevo a intellectualidade do seu paiz, prendendo a atenção do auditorio selecto que a escutava, com o encanto da sua palavra, cheia de colorido, dissertando sobre *A arte e a litteratura na educação infantil*.” (D. ANNA, 12 out. 1912, p. 1 — grifos do original).

Além de notícias sobre o evento, ela própria escreveu sobre sua presença e relatou em oito partes seu deslocamento “Através de Minas”. Seu artigo intitulado justamente “Congresso Pedagogico em Bello Horizonte”, reflete que ela cumpriu o que Avelino Fernandes recomendara, inclusive elogiando o Instituto João Pinheiro. Ana também explorou os temas que a interessavam, como a aliança cultural luso-brasileira e a educação feminina.

---

<sup>14</sup> PT/BNP/Coleção Castro Osório/N12 Cx2 ms61.

Ela começa por apresentar os mineiros como culturalmente próximos aos portugueses:

De facto julgámos sintetisar verdadeiramente o nosso sentir na frase que espontaneamente nos acudiu aos lábios ao perguntar-nos alguém a impressão que tínhamos da terra dos Inconfidentes: — Quando nos sentirmos estrangeiros no Brasil, viremos para Minas e estaremos entre irmãos. [...] Não é improgressivo o povo mineiro, não! Mas ele tem a resistencia tradicional dos antigos pioneiros da civilização lusa que num gesto brando e num passo firme, que nunca precisou retroceder, caminharam sempre para o fito anteriormente marcado. É neste povo carinhoso, sem grandes exuberancias de temperamento, mas sorridente e franco, que encontramos o nosso velho, o nosso longinquo Portugal. (OSÓRIO, 23 out. 1912, p. 1).

Essa relação cultural entre brasileiros e portugueses faz parte da campanha que a Castro Osório desenvolve em vários artigos no *Portugal Moderno* e que chegará ao livro *A Grande Aliança*. Na série sobre sua viagem por Minas, a presença histórica portuguesa é também destacada como algo a se preservar, tal como ela indica que se deva fazer com Ouro Preto, que ela temia entrasse em decadência com a nova capital:

A nós, portuguêsês, a quem a colectividade brasileira interessa, como um filho sempre interessa aos pais, que se sentem honrados e engrandecidos com o seu progresso, corre o direito de não deixar morrer a documentação viva desse passado que igualmente nos pertence e que atestará aos netos que os descobridores, os colonisadores deste pujante e feraz torrão não eram uns aventureiros sem eira nem beira, uns bárbaros sem educação nem critério. (OSÓRIO, 30 out. 1912, p. 1).

Ainda no artigo sobre o congresso, ela destaca o papel das mulheres na educação:

Nos grupos escolares, todos dirigidos por senhoras, conforme o preceito mais adotado pelos pedagogos, de entregar quanto possivel a primeira infancia á mulher, já existe o trabalho manual, aliado ao intelectual, que é o desejo de todos os educadores. O proprio trabalho das meninas, que é quasi sempre uma maneira engenhosa de matar o tempo, têm-no as

professoras tornado utilitario e que poderá ser, para muitas um princípio de pequena mas util industria caseira. (OSÓRIO, 23 out. 1912, p. 1).

Liga-se assim sua análise sobre o ensino destinado às meninas em Minas Gerais ao propósito sempre levantado por Ana de Castro Osório de que as mulheres devem ser economicamente independentes, que devem trabalhar e controlar seus rendimentos. As feministas portuguesas defendiam que “a promoção econômica da mulher, entendida como base de libertação, implicava dar-lhe todos os conhecimentos necessários para que ela pudesse ganhar honestamente a sua subsistência” (CASTRO, 2011, p. 104). Além disso, Ana termina seu artigo com uma defesa da república, por Afonso Costa, segundo ela, ter compreendido a obra educacional do padre Antônio Oliveira, “que tão querido é por toda a Republica Portuguesa, considerada a intransigente inimiga dos padres” (OSÓRIO, 23 out. 1912, p. 1), por ela associar às ideias pedagógicas desse padre o que Leon Renault, do Instituto João Fernandes, estava realizando em Minas Gerais.

A questão das caixas econômicas escolares, assunto de interesse do secretário mineiro do interior, conforme alertava a carta de Avelino, Ana vai explorar no final de sua narrativa da viagem através de Minas, no oitavo artigo, em que conta seu retorno a Belo Horizonte:

Cada escola semelha uma familia de que as directoras são as matriarcas carinhosas. E para em tudo dar o sentimento práctico, tão proprio desse povo ponderado, pela iniciativa do actual e querido secretario do Interior, o sr. Delfim Moreira, ao lado de cada escola ou grupo está a bolsa escolar a que pertencem todas as pessoas conscientes do bairro, encarregadas de olhar pelas crianças pobres, fornecer-lhes livros, papel e mais utensilios escolares, assim como calçado e vestidos quando absolutamente nada podem as familias despender. (OSÓRIO, 2 abr. 1913, p. 1).

Como política atuante, Ana de Castro Osório sabia que era preciso fazer concessões e mesmo propaganda de ações, ou afagar o ego de algumas personalidades, de modo a ter seu trabalho reconhecido. Por isso, ao narrar a viagem do casal através de Minas, Ana cita alguns nomes de sua relação, como o do próprio “bom professor dr. Luís Pessanha, o melhor dos companheiros e a boa alma do Congresso” (OSÓRIO, 30 out. 1912, p. 1), o mesmo que repassara a Avelino Fernandes as informações sobre como deveria ser a participação de Ana no evento.

Quando do retorno a Belo Horizonte, o casal português foi recebido pelo amigo Avelino Fernandes, elogiado também na narrativa, cuja ação na “nascente e florescente capital” é apontada como “daquelas que ninguém pode ignorar e que os brasileiros não esquecerão nunca. Em todas as suas acções, nos seus proprios negocios e emprezas antepõe o interesse da cidade, que é como que uma criança que viu nascer e crescer com a ternura carinhosa de um pai” (OSÓRIO, 19 mar. 1913, p. 1). Assim, ao exaltar os feitos do comendador português para o desenvolvimento da cidade, além de agradecer os trabalhos prévios realizados pelo amigo, indica à colônia lusa, e mesmo aos mineiros, o nível de importância desse patricio, fortalecendo sua influência naquele estado.

Essa troca de gentilezas perdurará quando a escritora tentar a aprovação de mais um livro junto ao conselho escolar mineiro. Ao final de 1913, ela estará em contato com Abílio Machado, amigo do comendador Avelino a quem teria sido pedido apoio no processo de avaliação dos livros de Ana de Castro Osório. Primeiramente, em carta de 31 de outubro de 1913, ele comenta que o teatro infantil é uma novidade e informa que está divulgando as produções dela nos periódicos locais:

Gostei immenso dos tres livros. O *Theatro Infantil* é do genero que mais escasseia entre nós, podendo, por isso, prestar excellentes serviços. Lendo e aprendendo está inteiramente de accordo com o programa do Joviano, para a ministração efficaz e proveitosa de lições de cousas. O pouco que dos livros disse, pois, no jornal, que lhe remeto hoje, é a expressão sincera do meu sentir.<sup>15</sup>

Apesar das tentativas de Abílio Machado, ele não estava obtendo sucesso junto aos avaliadores e desculpa-se por desistir da empreitada. Um dos motivos levantados por ele é a presença de portugueses reacionários por toda Minas Gerais, corroborando alguns estudos que já apontaram a polêmica levantada por Ana de Castro Osório junto à colônia portuguesa aqui residente (ESTEVEZ, 2005), que incluía muitos monarquistas que emigraram de Portugal quando da implantação da república, por sua intransigente defesa do novo regime levantada nos periódicos nos anos que esteve no Brasil. Era preciso, portanto, alguém mais influente, mas, na mesma missiva, de 4 de dezembro, Abílio informa que o comendador Avelino estava viajando pela Europa, impedindo qualquer ação direta desse português bem relacionado com o governo mineiro:

---

<sup>15</sup> PT/BNP/Coleção Castro Osório/N12 Cx2 ms133(1).

Só hoje lhe posso dar, com segurança, o parecer que, na sua de 23 do mez findo, me pediu sobre se deve, ou não, apresentar de novo ao nosso impagavel conselho de Instrucção o seu livro. Acho, depois de ouvir o Joviano e alguns funcionarios do Interior, que a má vontade do sr. Moraes ainda poderá fazer perigar a approvação do trabalho, que é um dos melhores que tem produzido a sua penna. É melhor não insistir. Bem calcula o pesar com que assim lhe falo. Era, porém, de meu dever ser-lhe franco, pra lhe evitar maiores desapontamentos futuros. Felizmente, a minha advocacia vai melhorando sempre, para que eu possa me desinteressar por completo de assumptos litterarios, ou de ensino. É tarefa demais penosa lutar por ideaes nos meios incultos. Sinto muito que o Paulino não esteja sadio. Lamento que o meu paiz não lhe tenha sabido retribuir os sinceros desejos que tão eloquentemente tem a sra. evidenciado de lhe ser util. Daqui não lhe posso mandar boas novas. Basta dizer que a primeira que, pesaroso e triste, lhe teria de dar, seria a de estar crescendo, mais a mais ameaçador, o espirito do carolismo entre nós. Um horror! Ha frades expulsos de Portugal por todos os recantos de Minas. Não sei o que será de nós. O comendador Avelino ainda está pela Europa. Ha poucos dias, mandou-me dois romances de Paris, pelo Correio. Não sei quando virá.<sup>16</sup>

Como temos demonstrado, ao acompanhar os comentários e as notícias publicados sobre Ana no *Portugal Moderno*, uma lista de nomes de empresários, políticos, editores e escritores se apresenta. Apesar de não ser possível depreender o nível de contato estabelecido, ou se essas relações se solidificaram e foram aproveitadas pela escritora em algum momento, sua publicação no periódico demonstra um pouco de sua recepção enquanto autora naquela momento no Brasil. É o caso, por exemplo, de sua visita ao Rio em 1912, documentada no *Portugal Moderno*. Ana e Paulino foram recepcionados por uma série de pessoas, incluindo almoços, jantares e passeios turísticos pela cidade. O casal tinha-se deslocado ao Rio de Janeiro para acompanhar Ana Villalobos Galheto que embarcava para a Alemanha. Vieram com Joaquim David Galheto (negociante de São Paulo, parte da firma Augusto Rodrigues & C.<sup>a</sup>). Na despedida à Galheto no navio estavam presentes Filinto de Almeida e Júlia Lopes de Almeida.

Após a viagem de Ana de Castro Osório por Minas Gerais, a escritora viajou a Portugal para levar seu filho José Osório de Castro, que iria

---

<sup>16</sup> PT/BNP/Coleção Castro Osório/N12 Cx2 ms133(2).

ser matriculado no Liceu Camões, em Lisboa. Ela estava a bordo do navio König Wilhelm II, que aboritaria ao Rio de Janeiro no dia 20 de janeiro de 1913. Na edição do dia 22, o *Portugal Moderno* relata que infelizmente o navio ficara apenas três horas no porto carioca, o que impediu que Ana visitasse algumas “famílias que muita sympathia lhe consagram”. Apesar da curta permanência na cidade, ela foi saudada no navio. Mesmo presente por pouco tempo no Rio de Janeiro, Ana de Castro Osório recebeu representantes da diplomacia portuguesa, da família de Bernardino Machado, pessoal ligado ao jornal e amigos. Isso demonstra o reconhecimento que ela tinha, sobretudo na colônia portuguesa, como intelectual e política.

Essa glorificação pública, inclusive por parte da elite portuguesa no Rio, deve ter permitido a Ana de Castro Osório uma participação ativa no jornal da colônia. Se ela já havia aparecido em suas páginas com artigos copiados de jornais portugueses e inclusive escrevendo excepcionalmente para o *Portugal Moderno* a partir de Lisboa, ao se transladar para o Brasil, a autora do artigo “O problema feminista”<sup>17</sup> vai-se tornar colunista permanente do jornal, responsável por uma coluna semanal.

Ana de Castro Osório não parece ser apenas uma colaboradora desse jornal. Seus textos ocupam posição de destaque, normalmente o de abertura ao alto da primeira página, lugar anteriormente dedicado aos editoriais do redator Luciano Fataça. A quantidade de publicações é expressiva no período. Entre 16 de setembro de 1911, data da primeira participação por contrato, e a última em 14 de dezembro de 1913, Ana de Castro Osório publica no *Portugal Moderno* 52 artigos — apenas um deles não é inédito — ao longo de mais de 90 números. Além disso, edita um conto original e duas traduções: um conto de Natal de Andersen e 41 capítulos de um longo folhetim, “O inevitável trunfo”, tradução do romance *Hilda van Suylenburg* (1897), de Cecília de Jong van Beek em Donk.

Sua presença no jornal vai alterar sensivelmente o estilo do periódico, como se ela fosse uma editora não oficial, atuando ao lado do redator Luciano Fataça. O destaque dado às suas produções e a presença cada vez maior de mulheres colaboradoras vai levar a que essa folha se torne também um órgão feminista, por esse tema ser discutido inclusive por homens relacionados com a redação.

Suas ações no jornal, por outro lado, iam muito além da colaboração com artigos de cunho sociopolítico. Acreditamos que tenha sido ela a responsável pela aproximação ou não de outras escritoras. É o caso,

---

<sup>17</sup> Esse artigo, publicado no n. 464, de 15 de janeiro de 1910, foi enviado por Ana de Castro Osório em resposta a um pedido do editor, Luciano Fataça, para ter escritores portugueses como colaboradores.

pelo menos, de Ana Villalobos Galheto,<sup>18</sup> amiga pessoal de Ana de Castro Osório. Além dela, há feministas portuguesas que se tornam colaboradoras ocasionais, com textos originais ou republicações, como Delfina de Lemos, Maria Veleda, Joana de Almeida Nogueira, entre outras.

É importante, portanto, também buscarmos compreender a visão que Ana de Castro Osório tinha sobre outras portuguesas escritoras suas contemporâneas. Algumas foram alvo de comentários em sua série de artigos sobre a mulher na política portuguesa, o que deixa claro que Ana não dissociava a atuação política da composição literária. Nesse artigo, ela faz breves considerações sobre Angelina Vidal, Maria Veleda, Maria Amália Vaz de Carvalho, Cláudia de Campos, Virgínia de Castro e Almeida, Alice Moderno e Beatriz Pinheiro. A lista parte de recordações sobre as escritoras que escreviam no *Mundo*, mas não só. Vejamos: Angelina Vidal, “que fôra socialista revolucionária e vermelha, afastara-se da propaganda, entristecida e desanimada com as tristes condições duma vida de luta áspera, começando talvez nella a evolução espiritual que a atirou para o misticismo dos últimos tempos”; Maria Veleda, “ainda nessa época se conservava no seu Algarve, prêsa numa dolorosa crise de sentimento que a alheava das grandes questões sociaes que se agitavam já como um vento prognosticador da procela que se avisinhava”; Cláudia de Campos “foi sempre romancista e critica historica, uma vez por acaso, revelando nesse trabalho qualidades de logica primorosa”; Virgínia de Castro e Almeida “tambem nunca luctou pelo triunfo das ideias sociaes senão nos capitulos do seus romances”; Alice Moderno “conservava-se, como ainda hoje, na sua ilha açoriana poetando, jornalizando, educando, e trabalhando sem lazer para conquistar o direito ao futuro socêgo”; Beatriz Pinheiro “que entrâra com tanto brilho e coragem na luta feminista-social, afastava-se num mutismo que é um crime a que ainda hõje nos não habituamos a sancionar sem o nosso protesto” (OSÓRIO, 6 jan. 1912, p.1). Mas Ana dedica espaço maior a Maria Amália Vaz de Carvalho, mais velha, já renomada, inclusive com colunas fixas em jornais de grande circulação no Brasil e que já aparecera no *Portugal Moderno* com textos copiados de outras publicações.

Maria Amália, apesar de se ter lançado na carreira literária, ter aberto um dos salões mais frequentados de Lisboa e ter sido a primeira portuguesa eleita para a Academia das Ciências de Lisboa, não levantava as mesmas bandeiras de Castro Osório. Em um texto de 1909, Vaz de Carvalho comenta sobre feminismo e a participação política das mulheres: “As mulheres também estão tentando as asas nas regiões da política, mas por ora

---

<sup>18</sup> Galheto publica no *Portugal Moderno*: “Salve o dia 5 d’Outubro”, em 5 de outubro de 1913; “Abençoada República”, em 18 de outubro de 1913; e o conto “O Cupido em Palácio”, em primeiro de dezembro de 1913.

que desastrados voos! Que ininteligência das coisas! Que sectarismo cego e fanático nas ideias!...” (CARVALHO, 1920, p. 152).

Por mais que a própria Maria Amália Vaz de Carvalho tivesse vida pública, uma carreira como literata, enfim, ações que indicam um avanço nas condições impostas às mulheres na sociedade daquela época, ela ainda se mostrava reativa aos avanços do feminismo e a uma maior participação pública de seu gênero. Talvez por isso, Ana de Castro Osório ressentia-se das posições políticas de Maria Amália, mas a desculpa, reconhecendo a importância dela na intelectualidade portuguesa do final do século XIX:

Maria Amalia Vaz de Carvalho conservava o bastão de marechala das letras nas mãos delicadas de patricia. A febre que nos fazia agir, atirando com o desafio da nossa palavra ardida ao velho preconceito e á caduca sociedade em que fôra criada e vivia, assustava-a, mas não a irritava. A grande escriptora portugûesa foi sempre um bello e claro espirito que o meio apertou em moldes que por vezes rompe numas fugas brilhantissimas e que serão mais tarde páginas de verdadeiro combate, justificação aos nossos ataques a toda essa inutil sociedade que se julgava a superior. (OSÓRIO, 6 jan. 1912, p.1).

Contudo, a luta política republicana e feminista era tão importante para Ana de Castro Osório que isso interferia em seu apoio a outras escritoras. No espólio da família de Ana de Castro Osório na Biblioteca Nacional de Portugal há duas cartas da escritora Maria O’Neill enviadas ao Brasil. A primeira agradecia a amiga pelo envio de uma colaboração para o *Almanaque das Senhoras*, fundado em 1870 por Guiomar Torresão, cujos volumes para os anos de 1911 a 1925 ficaram a cargo de O’Neill. Nessa mesma missiva, Maria pede a Ana de Castro Osório que consiga algum contrato de colaboração na imprensa porque precisava de “remuneração certa”<sup>19</sup>. O arquivo não contém a resposta, mas a carta seguinte, de 22 de setembro de 1912, revela informações prestadas pela correspondente do Brasil. Ana teria lamentado a forma com a qual os portugueses seriam recebidos aqui, o que dificultaria o acesso ao tipo de contrato que Maria O’Neill desejava. Basta recordar o que Julião Machado comentava sobre a possibilidade de elogiar um português n’*O Paiz* para justificar as afirmativas de Osório.

Em outro momento, a editora do *Almanaque* ainda justifica suas relações com os monárquicos, respondendo a uma dúvida sobre seu

---

<sup>19</sup> PT/BNP/FCPC/Coleção Castro Osório/N12-87(1).

posicionamento político, mas declara-se republicana, apesar de não gostar “de combates, nem de pena”<sup>20</sup>. Por fim, Maria oferece-se para enviar algum pequeno texto ao *Portugal Moderno*, como forma de agradecimento:

[...] se no modesto circulo das minhas ideias a minha pessoa lhe puder servir com meus versos, um conto ou qualquer coisa d’esse genero para *O Portugal Moderno* terei muito gosto em lhe ser agradável sendo-me com isso por muito bem paga.<sup>21</sup>

Em março de 1913, o *Portugal Moderno* publica dois poemas inéditos de Maria O’Neill. Em abril do mesmo ano, mais um. Todavia, outras duas feministas portuguesas se tornaram colunistas assíduas do *Portugal Moderno*, posição que não foi oferecida a Maria O’Neill. Teresa Franco assina, a partir de junho de 1912, a coluna “De Passagem”, também na primeira página. Maria Evelina de Sousa, editora da *Revista Pedagógica*, de Ponta Delgada, envia notícias dos Açores a partir de fevereiro de 1913. A primeira era colaboradora e a última, sócia da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. Talvez a participação nessa associação feminista republicana tenha sido fundamental para a ligação dessas escritoras com o jornal. Ou, quem sabe, as amizades monárquicas de Maria O’Neill tenham sido realmente impeditivo para uma inserção efetiva nesse periódico. Como a questão política se tornou fator importante nessa folha, esses vínculos não podem ser ignorados.

A partir dessas notícias, dos artigos escritos por Ana de Castro Osório sobre sua viagem a Minas Gerais, e pelas cartas por ela recebidas de pessoas vinculadas ao Brasil, apresentamos alguns dos problemas que ela enfrentou para se estabelecer como autora e editora no Brasil. Também foi possível perceber o meio pelo qual ela se movimentava e suas ações para que seus objetivos fossem atingidos. Ressalta-se a busca por estabelecer contato com portugueses influentes na sociedade brasileira e nos meios editoriais, além do relacionamento pessoal que ela procurou ter com a escritora Júlia Lopes de Almeida e que perdurou muito além de sua estada no país. Além disso, sua intensa colaboração no periódico da colônia portuguesa no Brasil, *Portugal Moderno*, entre 1911 e 1913, tanto com textos autorais quanto com traduções, e mesmo suas ações de caráter editorial, revelam que ela utilizava também o jornal como meio de atuação. Nessas folhas, Ana difundia suas ideias, defendia a república e o feminismo, e fortificava sua rede de sociabilidade numa grande ligação luso-brasileira.

---

<sup>20</sup> PT/BNP/FCPC/Coleção Castro Osório/N12-87(2).

<sup>21</sup> PT/BNP/FCPC/Coleção Castro Osório/N12-87(2).

## FONTES:

No setor de Publicação Seriadadas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro:  
*Portugal Moderno: Orgam Portuguez no Brasil*. Rio de Janeiro: 1899-1913.  
*O Juquinha*. Rio de Janeiro: 1912-1913.  
*O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8299, 24 jun. 1907.

No setor de reservados da Biblioteca Nacional de Portugal:  
Espólio da Família Castro Osório, Correspondência de Ana de Castro Osório.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Júlia Lopes. Crianças e Flores. *O Paiz*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 8299, p. 1, 24 jun. 1907.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. As mulheres na política. In: *Páginas escolhidas*. Lisboa: Portugal-Brasil Limitada Sociedade Editora; Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1920. p. 145-152.

CASTRO, Zília Osório de. As Intelectuais. In: CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João; MONTEIRO, Natividade (coord.). *Mulheres na Primeira República*. Percursos, Conquistas e Derrotas. Lisboa: edições Colibri, 2011. p. 79-107.

CORDEIRO, Célia Carmen. Semear para colher: a contribuição de Ana de Castro Osório em A Semeadora (1915-1918). In: LOUSADA, Isabel; CHAVES, Vania (orgs.). *As mulheres e a imprensa periódica*. Lisboa: CLEPUL, 2014. v. 2, p. 251-265.

D. ANNA de Castro Osorio. *Portugal Moderno*, Rio de Janeiro, ano 13, n. 631, p. 1, 12 out. 1912.

D. ANNA de Castro Osorio. *Portugal Moderno*, Rio de Janeiro, ano 14, n. 660, p. 1, 22 jan. 1913.

ESTEVES, João. Ana de Castro Osório [verbete]. In: CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João (dir.). *Dicionário no Feminino* (séculos XIX-XX). Lisboa: Livros Horizonte, 2005. p. 91-98.

\_\_\_\_\_. *Ana de Castro Osório (1872-1935)*. Lisboa: CIG, 2014.

GOMES, Angela Maria de Castro. A Grande Aliança de Ana de Castro Osório: um projeto político-pedagógico fracassado. *Estudos do Século XX*, Coimbra, v. 11, p. 20-43, 2011.

\_\_\_\_\_. A “grande aliança”: um projeto político-pedagógico luso-brasileiro na Primeira República. In: *Simpósio Nacional de História*, 27., 2013, Natal. *Anais...* Natal: ANPUH, 2013.

\_\_\_\_\_. Aventuras e desventuras de uma autora e editora portuguesa: Ana de Castro Osório e suas viagens ao Brasil. In: GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patricia Santos (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 92-120.

LOUSADA, Isabel. Entre Marias, Ana. De Castro Osório, Entre Correspondências. In: *Seminário Internacional Mulher e Literatura*, 7., 2015, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: UCS, 2015. p. 722-729.

LOUSADA, Isabel; LAGUARDIA, Angela. Maria Lacerda de Moura e Ana de Castro Osório: correspondência em trânsitos atlânticos e feministas. *Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 99-104, jan.-jun. 2013.

OSÓRIO, Ana de Castro. *A Grande Aliança: a minha propaganda no Brasil*. Lisboa: Edições Lusitânia, 1924.

\_\_\_\_\_. *Ambições*. Lisboa: Guimarães, Libanio & Cia., 1903.

\_\_\_\_\_. A Mulher na Política Portuguesa — IX. *Portugal Moderno*, Rio de Janeiro, ano 13, n. 567, p. 1, 6 jan. 1912.

\_\_\_\_\_. Atravez de Minas — I. *Portugal Moderno*, Rio de Janeiro, ano 13, n. 636, p. 1, 30 out. 1912.

\_\_\_\_\_. Atravez de Minas — VII. *Portugal Moderno*, Rio de Janeiro, ano 14, n. 676, p. 1, 19 mar. 1913.

\_\_\_\_\_. Atravez de Minas — VIII. *Portugal Moderno*, Rio de Janeiro, ano 14, n. 680, p. 1, 2 abr. 1913.

\_\_\_\_\_. Congresso Pedagógico em Belo Horizonte. *Portugal Moderno*, Rio de Janeiro, ano 13, n. 634, p. 1, 23 out. 1912.

\_\_\_\_\_. D. Julia Lopes de Almeida. *Portugal Moderno*, Rio de Janeiro, ano 13, n. 633, p. 2, 19 out. 1912.

\_\_\_\_\_. O Problema Feminista. *Portugal Moderno*, Rio de Janeiro, ano 11, n. 464, p. 1, 15 jan. 1910.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. Ana de Castro Osório e “a grande aliança”: migrações intelectuais da aproximação de Portugal e Brasil, na Primeira República. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: 2015. p. 1-14.

REMÉDIOS, Maria José. Ana de Castro Osório e a construção da Grande Aliança entre os povos: dois manuais de escritora portuguesa adoptados no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2000, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2000. p. 1-10.

Data de recebimento: 16 de janeiro de 2018

Data de aprovação: 30 de abril de 2018